

# VI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL PARA A INCLUSÃO

Livro de resumos



# Os Museus de Ciências como espaços de inclusão de visitantes Surdos

**Gabriela Sehnem Heck**- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre -RS, Brasil

**José Luis Ferraro** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre -RS, Brasil

Este trabalho se refere a uma pesquisa de caráter documental e qualitativo que objetivou a produção de um Estado do Conhecimento sobre os processos de inclusão de visitantes Surdos em Museus de Ciências. Questões relacionadas a inclusão da comunidade surda são relativamente recentes, considerando que a Lei da Libras foi promulgada em 2002 e reconhecida em 2005. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial utilizada pela comunidade Surda no Brasil e o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, foi responsável por regulamentar a Lei da Libras. Por ser uma língua com menos de 20 anos de reconhecimento nacional, a comunicação por meio dela enfrenta alguns desafios, principalmente relacionados a ausência de sinais de áreas específicas, como a ciência. A Lei da Libras tornou a Língua Brasileira de Sinais uma língua reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão [...]” (Art. 2) que se constitui como um “sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” e de “natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria”. No Artigo 2, é garantido o direito, “por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, [...] apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil”. Dessa forma, a Lei da Libras além de reconhecer oficialmente a Língua de Sinais da comunidade surda brasileira, também garante o seu apoio e difusão, garantindo direitos à essa comunidade. Os surdos buscam compreender o mundo por meio de elementos visuais e espaciais, pois a Libras é uma língua visuoespacial e, dessa forma, a utilização de imagens no processo de alfabetização e letramento de alunos surdos é uma importante ferramenta para educação (Leão, Sofiato & Oliveira, 2017). O desenvolvimento de práticas pedagógicas e materiais didáticos que se pautam no uso da imagem estática e da

imagem em movimento, sem se deter no seu caráter decorativo, tem sido constante e se estendido às demais áreas do conhecimento. Diante do exposto, discorre-se sobre o ensino e aprendizagem de conceitos científicos com a utilização de ferramentas e recursos complementares à Libras, como imagens, vídeos, entre outros, valorizando esse caráter visual, fundamental na educação de surdos. Além disso, a utilização de diferentes espaços educativos, como museus e centros de ciências, poderia auxiliar esse processo, pois eles possuem elementos visuais e interativos como recurso para o ensino (Gomes & Souza, 2013; Gomes, Souza & Soares, 2015). Em vista disso, museus e centros de ciência se tornam aliados para um ensino de ciências voltado a visitantes surdos pelo fato desses locais se constituírem como espaços de educação não formal que apresentam um forte apelo visual, estimulando discussões sobre os conteúdos científicos (Gomes & Souza, 2013). Essas experiências museais podem favorecer o desenvolvimento de novos sinais, pois são capazes de transformar conceitos complexos em representações visuais mais acessíveis e, quem sabe, padronizá-los para a linguagem científica e das demais áreas. Para que os visitantes surdos possam participar das atividades propostas nesses espaços, é fundamental o estabelecimento de uma comunicação efetiva, que ocorre em geral por meio da Libras. Assim, evidenciou-se a necessidade da realização de uma série de adaptações que permitam a inclusão concreta desse visitante, a fim de lhe permitir autonomia e acessibilidade durante a visita. Entre essas adaptações, a disponibilização de profissionais bilíngues, funcionários surdos ou intérpretes para o atendimento desses visitantes, bem como recurso de multimídia visual, são alguns exemplos que demonstram adequação às medidas de acessibilidade aos visitantes surdos usuários da língua de sinais (Silva, Rojas & Teixeira, 2015). Com base nesses pressupostos – e por meio de uma revisão de literatura que nos possibilitou a construção de um Estado do Conhecimento sobre o tema em questão –, buscou-se compreender de que forma a utilização da Língua Brasileira de Sinais em Museus de Ciências tem possibilitado a Inclusão dos visitantes surdos.

### ***Recursos Metodológicos***

Para compreender mais sobre o tema de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura na forma de Estado do Conhecimento, pois permite ao pesquisador reconhecer o que já foi pesquisado, quais as teorias elaboradas são discutidas, quais são os conceitos frequentemente utilizados, como se dão as discussões e,

principalmente, quais são as questões que foram deixadas em aberto e o que ainda não foi estudado. Para Flick (2009, p. 96) “O ponto de partida do pesquisador é o conhecimento teórico extraído da literatura ou de descobertas empíricas mais antigas.”. Por se tratar de um estudo documental, esta pesquisa se circunscreve em um paradigma fenomenológico, sendo assim caracterizada como qualitativa.

A construção de um Estado do Conhecimento, conforme Morosini e Fernandes (2014), é um processo que envolve a identificação, registro e categorização de determinada produção científica – ou conjunto de produções – que permita a reflexão e síntese sobre o tema. São consideradas as produções disponibilizadas em periódicos, teses, dissertações e livros sobre determinada área, em um espaço específico de tempo. A importância do desenvolvimento de um Estado do Conhecimento se justifica pois, no Brasil, a consolidação da produção científica sobre educação ainda é primária, e com ele é possível obter uma análise do que foi produzido em um determinado campo disciplinar em um período de tempo específico, permitindo fundamentar trabalhos acadêmicos, como teses e dissertações e artigos científicos (Morosini, 2015). Para este trabalho, utilizou-se como fonte de dados as bases online Google Acadêmico e SciELO. As buscas foram feitas com o uso do descritor principal ‘Museu de ciências’, combinado com ‘Língua Brasileira de Sinais’ e com ‘Inclusão’, da seguinte forma: “Museu de ciências” + “Inclusão” e “Museu de ciências” + “Língua Brasileira de Sinais”. Considerou-se resultados obtidos entre 2002 e 2019, visto que a Lei da Libras só foi implementada em 2002 e esta pesquisa foi realizada em 2019. A busca por “Museu de ciências” + “Língua Brasileira de Sinais”, que gerou resultados somente no Google Acadêmico, onde dos 48 trabalhos encontrados, somente nove foram considerados, seguindo dos resultados referentes à busca por “Museu de Ciências” + “Inclusão”, no qual encontrou-se oito resultados, e destes, selecionou-se dois. Com essa busca encontrou-se trabalhos que abordam o tema inclusão, por meio da utilização da Libras, em museus. Ao final foram obtidos cinco artigos científicos, duas teses de doutorado, dois capítulos de livro, uma dissertação de mestrado e uma monografia de conclusão de curso.

## **Resultados**

Os resultados foram divididos em dois eixos: A língua Brasileira de Sinais em Museus de Ciências e Inclusão social em Museus de Ciências, apresentados a seguir.

A língua Brasileira de Sinais em Museus de Ciências: A partir da busca pelo estado do conhecimento relacionado a Libras e Museus de Ciências, obteve-se três artigos científicos, duas teses de doutorado, dois capítulos de livro, uma dissertação de mestrado e uma monografia de conclusão de curso. A tese de doutorado de Rumjanek (2016) discorre sobre a inclusão de surdos em espaços não formais, permitindo a criação de novos sinais a partir da experiência deles nesses espaços, pois permite uma melhor visualização de conceitos a partir do teor visual. Também propõe a capacitação de mediadores em Libras e formação de mediadores surdos para auxiliar nas atividades que requerem uma capacitação especial.

Os autores Lucena, Mussi e Leyton (2008) também realizaram um trabalho com a pretensão de capacitar mediadores e professores em Libras, bem como incluir mediadores surdos aos espaços de educação não formal, pois são dois passos fundamentais para garantir o acesso dos visitantes surdos nesses espaços culturais. O trabalho de Costa (2015) destaca a necessidade da presença de um intérprete da língua de sinais e a importância da capacitação dos mediadores em Libras, pois considera-os a voz, os ouvidos, os olhos e os sinais do museu. Rodrigues (2018) afirma que com a capacitação da equipe na língua de sinais é possível desenvolver novos sinais que se tornariam permanentes para o museu. Entretanto, nem sempre há a presença de um intérprete ou mediador capacitado, demonstrando, para Inacio (2017), uma “barreira comunicacional interpessoal” (p.65). O autor propôs a criação de indicadores para avaliar a acessibilidade nos museus de ciências do Brasil, e como resultado obteve que, em geral, os museus de ciências têm potencial para acessibilidade, mas na prática não aplicam (Inacio, 2017). De acordo com os trabalhos recuperados, percebe-se uma preocupação relevante em inserir o sujeito surdo na ciência, visto que esse “aprendizado em ciências representa para um indivíduo cruzar a subcultura científica” (Rumjanek, 2016, p.58). Gomes, Souza e Soares (2015) também enxergam a ciência como mediadora do conhecimento, e o museu de ciências como uma ferramenta tanto para o aprendizado como para a inclusão. Porém, ressaltam a importância de se conhecer o museu para tomar conhecimento dos recursos multimodais que auxiliam no ensino de surdos. Assim, os autores propõem ainda a implantação de um currículo de ciências que permita aos licenciandos realizarem diferentes leituras de mundo, permitindo o desenvolvimento de práticas que considerem o contexto social e cultural dos estudantes (Souza & Soares, 2015).

Os autores Dos Santos, De Jesus e Rocha (2017), tiveram a proposta de entender como se pode promover a acessibilidade de visitantes surdos em museus utilizando vídeos em Libras a partir de QR Code disponíveis na exposição. Os participantes surdos que participaram da pesquisa apontaram aspectos positivos, como sua autonomia em relação ao museu, porém destacaram a necessidade de haver um intérprete para questões além do que a tecnologia propõe. Em um trabalho semelhante, Molenzani e Rocha (2017) realizaram uma visita a 22 museus de São Paulo, e encontraram que apenas nove apresentam alguma forma de acessibilidade, que se tratava de física, visual ou intelectual. Dessa forma, as autoras concluíram que mesmo declarando que há acessibilidade, não são todos que tem direito. Sarraf (2008) aponta um museu em Londres que, para a inclusão de surdos, desenvolveu guias digitais com vídeos em língua de sinais e um curso de arte em língua de sinais, objetivando a formação de educadores que atuem como tutores surdos. Já Rodrigues (2018), em sua dissertação de mestrado, apresenta um museu brasileiro, que, com relação a inclusão de surdos, desenvolveu vídeos sinalizados em Libras e a organizou a formação de uma equipe especializada na língua de sinais. Além disso, o site do museu tem à disposição uma visita virtual traduzida em Libras. Rumjanek (2016) conclui que há uma ausência de cultura museal na comunidade surda, ressaltando a importância desse tipo de pesquisa para a alfabetização e letramento científico da comunidade surda. Gomes, Souza e Soares (2015) consideram que, para incluir os surdos, é necessário “considerar e explorar as suas potencialidades e não as limitações” (Gomes, Souza & Soares, 2015, p.87).

Com base nesses resultados, a alternativa que recebeu maior destaque foi a formação e inclusão de mediadores surdos para realizar esse atendimento especializado no museu, fundamental para garantir o acesso dos visitantes surdos. Com essa medida, é possível estabelecer uma comunicação efetiva, por meio da Libras, entre visitantes surdos e mediadores, permitindo maior acessibilidade durante a visita. De forma semelhante, a capacitação de mediadores em Libras também é capaz de ampliar a inclusão, pois, da mesma forma que ocorre com o mediador surdo, a comunicação ocorrerá por meio da Libras (Lucena, Mussi & Leyton, 2008; Sarraf, 2008; Costa, 2015; Rumjanek, 2016). Para ampliar a autonomia do visitante surdo, alguns autores (Sarraf, 2008; Rodrigues, 2018) sugeriram a elaboração e disposição de recursos multimedias, apresentados em guias digitais, com

vídeos explicativos da exposição com tradução para Libras. Dessa forma, o visitante surdo que vai ao museu e busca uma experiência individual, sem a participação de intérpretes ou mediadores, pode realizá-la de forma autônoma pois as informações estarão disponíveis para ele, ou a produção de uma visita virtual traduzida em Libras (Rodrigues, 2018). Como nem sempre é possível e/ou viável ter recursos tecnológicos na exposição, a utilização de QR code permite que o visitante, com seu dispositivo móvel próprio ou disponibilizado pelo espaço, tenha acesso a esses recursos digitais, sem a necessidade de novas instalações na exposição (Dos Santos, De Jesus & Rocha, 2017). A proposta de criar indicadores para avaliar a acessibilidade é de considerável importância para que os espaços identifiquem as possibilidades de inclusão já disponíveis, bem como as características que possam ser aprimoradas nessas exposições (Inacio, 2017). Essa atitude de reflexão acerca das potencialidades, e não somente das limitações, permite o desenvolvimento de práticas contextualizadas com os elementos que já estão presentes nas exposições, sem a necessidade de criação de novas exposições, o que demanda tempo e recursos que geralmente não estão disponíveis (Gomes, Souza & Soares, 2015). A ampliação da acessibilidade aos visitantes surdos é importante também para o desenvolvimento científico dessa comunidade, pois esses locais, devido ao caráter visual das exposições, permitem o desenvolvimento de novos sinais, transformando conceitos complexos em representações visuais mais simples e facilitando o processo de ensino e aprendizagem de determinados conceitos. Os museus e centros de ciências têm um papel importante na inclusão de visitantes surdos, não somente pela presença de recursos acessíveis, mas pelo papel que o acesso a esses recursos representa, ou seja, o acesso a um conhecimento antes inatingível e o desenvolvimento da alfabetização e letramento científicos.

Inclusão social em Museus de Ciências: Além de considerar a inclusão específica de visitantes surdos, também se propôs uma busca pela inclusão em geral em museus de ciências. Essa busca resultou em dois artigos científicos, obtidos na plataforma Google Acadêmico. Mesmo com a escassez de trabalhos recuperados referentes a inclusão em Museu de Ciências, os que foram selecionados trazem importantes considerações no que diz respeito ao tema. No artigo de Ribeiro (2007), a autora afirma que os museus e centros de ciência vêm sensibilizando a sociedade por meio da ciência e da cultura científica, e construindo uma consciência coletiva com base no

respeito. O museu, para a autora, é responsável pela “[...] produção e popularização do conhecimento através de diferentes tipos de mídia, em atendimento aos interesses da comunidade” (Ribeiro, 2007, p.4). De forma semelhante, Chelini e Lopes (2007) consideram que entre os objetivos dos museus, a informação e inclusão social são fundamentais, sendo elemento da relação entre a sociedade e a ciência.

Os museus são responsáveis pela divulgação científica, e para que isso ocorra, Chelini e Lopes (2007) afirmam que não basta apenas expor objetos que, isolados, são incompreensíveis, pois isso seleciona o público e excluir os demais, ou seja, as exposições precisam ser pensadas para diversos públicos, com disponibilidade de diferentes recursos. Ribeiro (2007) realizou uma analogia entre exclusão e a evolução da vida, ao dizer que os seres vivos não evoluíram sozinhos, eles precisavam se manter em grupos de forma cooperativa para garantir sua sobrevivência. O mesmo, segundo a autora, deveria acontecer com os seres humanos, sem permitir a exclusão de nenhum indivíduo, seja pela cultura, educação, língua etc. Por fim, a autora reconhece que já vem ocorrendo a implementação de políticas voltadas a inclusão nesses espaços de educação não formal, mas que muito trabalho ainda se tem pela frente. As autoras, de maneira semelhante, concluem que o papel dos museus de ciências é permitir que o público “descubra um mundo que lhe é desconhecido” (Chelini & Lopes, 2007, p.208). O público de museu é formado pela sociedade, e, assim, deve incluir a todos. Com base nas considerações feitas pelas autoras, foi possível reconhecer duas funções principais que os museus apresentam na promoção da inclusão social por meio da ciência.

A função social foi identificada pelas atitudes e características que atingem diretamente a sociedade, como as ações de sensibilização por meio da ciência, a construção de uma cultura científica e consciência coletiva com base no respeito e a implementação de políticas que ampliem a inclusão nesses espaços. Já a função cultural, nesse cenário, se refere às atitudes responsáveis pela popularização da ciência, seja pela produção de conhecimento científico, pelas ações de divulgação científica ou pelas medidas tomadas para ampliar o acesso à informação, como a apresentação da informação a partir de diferentes recursos. Diante disso, é possível adaptar tais medidas para a questão da inclusão de visitantes surdos, visto que a função social e cultural pode ser aplicada para diversos públicos.

## **Conclusões**

O desenvolvimento de Estados do Conhecimento são importantes pois nos permite visualizar como está ocorrendo a evolução da produção do conhecimento em determinada área, nesse caso, relacionada aos processos inclusivos de visitantes surdos em museus de ciências. Com os resultados obtidos, é possível perceber que pesquisas referentes a questão da inclusão de surdos em espaços não formais de educação vem ocorrendo no Brasil, mas ainda de modo incipiente. Os museus já são espaços conhecidos como meios de educação não formal, mas questões referentes a acessibilidade ainda estão caminhando para a consolidação. Quando se aborda a inclusão de pessoas surdas, a utilização de imagens e recursos lúdicos são fundamentais, visto que o meio pela qual eles se comunicam é visual. Em vista disso, os Museus e Centros de Ciências se tornam aliados da educação de surdos, pois agregam elementos visuais e interativos, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem. Conforme discutido anteriormente, esses espaços têm um grande potencial de inclusão quando disponibilizam recursos que valorizam e utilizam a Língua Brasileira de Sinais. Algumas alternativas foram citadas pelos autores, como a disponibilização de guias digitais com vídeos em Libras ou distribuição de QR code pela exposição para permitir acesso à vídeos com tradução, o desenvolvimento de práticas contextualizadas. Além disso, a presença de funcionários surdos ou capacitados em Libras para realizar essa mediação especializada também são um grande aliado a inclusão, pois geram uma sensação de pertencimento àquele espaço, que é lugar de todos.

Os Museus de Ciências são espaços com importantes funções sociais e culturais associadas, pois são responsáveis pela sensibilização da sociedade por meio da ciência e atuam na popularização e divulgação do conhecimento científico, podendo abordar a ciência a partir de outras perspectivas – inclusive visuais – mobilizando diferentes recursos. Além disso, o acesso à informação é direto de todos os cidadãos, e os espaços museais são preenchidos com informação de amplo acesso. Diversas são as suas possibilidades de inclusão, considerando os maíos variados públicos, não só os surdos. Dessa forma, o desenvolvimento de uma consciência coletiva com base no respeito e implementação de políticas voltadas a inclusão são passos importantes nessa caminhada pela ampliação da acessibilidade e inclusão.

**Palavras-chave:** Inclusão; museu de ciências; Língua Brasileira de Sinais

### **Referências bibliográficas**

Brasil. (2002). Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, 2002. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm).

Brasil. (2005). Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2005. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 09 out. 2019.

Chelini, M. J. E., & Lopes, S. G. B. C. (2008). Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. *An. mus. Paul.* 16(5), 205-238. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000200007&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000200007&script=sci_abstract&lng=pt).

Costa, A. F. (2015). Mediação Humana em Museus de C&T: Vozes, ouvidos, sinais e gestos em favor da educação e da democratização dos museus. In Valente, M. E., & Cazelli, S. (Orgs.), *MAST 30 Anos de pesquisa: Educação e Divulgação da Ciência* (pp. 115-142). Recuperado de [http://site.mast.br/hotsite\\_mast\\_30\\_anos/pdf\\_02/0\\_ficha\\_tecnica\\_sum%C3%A1rio.pdf](http://site.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf_02/0_ficha_tecnica_sum%C3%A1rio.pdf).

Dos santos, A. C., De Jesus, D. R., & Rocha, C. A. M. (2017). QR Code e Língua Brasileira de Sinais (Libras): um desafio de acessibilidade e autonomia a visitantes surdos no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. *Revista Tecnologias na Educação.* 22, 1-12. Recuperado de <http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2017/10/Art8-vol.22-Edi%C3%A7%C3%A3o-Tem%C3%A1tica-VI-Outubro-2017.pdf>.

Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3a Ed). Porto Alegre: Artmed. Recuperado de <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536318523>.

- Gomes, E. A., & Souza, V. C. A. (2013). Uma nova Inclusão para um novo tempo de aprendizagens: (Re)pensando a construção do conhecimento científico no contexto da Educação dos Surdos. In *XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES - A Educação de Surdos em países de Língua Portuguesa*. 1, 663-668. Recuperado de <http://projetoedes.org/wp/wp-content/uploads/AnaisInes-29out13.pdf>.
- Gomes, E. A., Souza, V. C. A., & Soares, C. P. (2015). Articulação do conhecimento em museus de ciências na busca por incluir estudantes surdos: analisando as possibilidades para se contemplar a diversidade em espaços não formais de educação. *Experiências em Ensino de Ciências*, 10(1), 81-97. Recuperado de [https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo\\_ID266/v10\\_n1\\_a2015.pdf](https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID266/v10_n1_a2015.pdf).
- Inacio, L. G. B. (2017). *Indicadores do potencial de acessibilidade em museus e centros de ciências: Análise da caravana da ciência*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Recuperado de <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/16889>.
- Leão, G. B., Sofiato, C. G., & Oliveira, M. A. (2017). Imagem na educação de surdos: usos em espaços formais e não formais de ensino. *Rev. educ. PUC-Campinas*, 22(1). Recuperado de <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/3001/2394>.
- Lucena, C., Mussi, J. Z., & Leyton, D. (2008). O projeto “Aprender para Ensinar” e a mediação em museus por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). In Almeida, C. (Org.). *Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência*, 89-98. Recuperado de [http://157.86.193.137/images/Publicacoes\\_Educacao/PDFs/WorkshopSulAmericano.pdf](http://157.86.193.137/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/WorkshopSulAmericano.pdf).
- Molenzani, A. O., & Rocha, J. N. (2017). Acessibilidade nos museus e centros de ciências da cidade de São Paulo. *Revista do EDICC*, 3(3), 3-14. Recuperado de <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5219>.

- Morosini, M. C. (2015). Estado de conhecimento e questões do campo científico. *Educação*, 40(1). Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/15822>.
- Morosini, M. C., & Fernandes, C. M. (2014). Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação Por Escrito*, 5(2), 154-164. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875>.
- Ribeiro, M. D. G. (2007). Inclusão social em museus. In *X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología em América Latina y el Caribe (UNESCO)*, 1-10. Recuperado de <https://cientec.or.cr/pop/2007/BR-MariaRibeiro.pdf>.
- Rodrigues, R. C. (2018). *Museu Paranaense: caminhos, contextos, ações museológicas e interações com a sociedade* (Tese de Doutorado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Recuperado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/9534>.
- Rumjanek, J. B. D. (2016). *Admirável mundo novo: a ciência e o surdo* (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193724/RUMJANEK%20Julia%20Barral%20Dodd%202016%20%28tese%29%20UFRJ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Sarraf, V. P. (2008). *Reabilitação do museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-17112008-142728/pt-br.php>.